

SEDUZINDO DESDÊMOMA REFLEXÕES SOBRE AS NARRATIVAS DA “DESCOBERTA” DA AMÉRICA

SEDUCING DESDEMONA REFLECTIONS ON AMERICA’S “DISCOVERY” NARRATIVES

Laísa Tossin¹

UnB/PosTrad

Resumo: Este artigo pretende analisar a narrativa fundadora do descobrimento da América sob as luzes das teorias literárias dedicadas a estudar a literatura medieval, transportando os valores éticos dos protagonistas das prosas cavaleirescas para o texto histórico-científico dos diários de Colombo. Percebo que a produção literária do Renascimento do século XVI serviu como transição entre o modelo medieval, no qual ficção e realidade dialogavam em estruturas alegóricas intencionais, e o modelo descritivo de cunho científico utilizado pelos naturalistas no século XVIII.

Palavras-chave: História das Ideias Linguísticas; Discurso sobre a Colônia; Diários de Colombo; literatura medieval.

Abstract: This paper aims to analyze the America’s discovery founding narrative in the light of medieval literary theories, therefore transposing the chivalrous prose ethical values to the historical-scientific attitudes of Columbus’ Journals. I will argue that sixteenth century Renaissance literary production served as a transition between the medieval model – in which fiction and reality interweave within intentional allegorical structures – and the descriptive model used by eighteenth century naturalists in their works of nature’s description.

Keywords: History of Linguistic ideas; Speech about the Colony; Columbus’ journals; medieval literature.

Introdução

As perspectivas reflexivas oferecidas pelos editores deste número da revista *Fragmentum* levaram-me, jocosamente, a interrogar uma conhecida

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes) - código de financiamento 001. PNPD do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (2018). Pesquisadora-colaboradora do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade de Brasília (2019).

teoria científica como se fosse uma obra literária. A chegada de Colombo à América, registrada em seus diários, conhecidos como os documentos primeiros produzidos pelos europeus sobre o Novo Mundo, foi colocada sob as luzes da análise literária. Embora com ares de pilhéria inicialmente, tomou vulto de coisa séria. A decisão de escrever sobre as bases históricas da “descoberta” da América deu-se, em muito, pelo incêndio ocorrido no Museu Nacional em setembro último. O choque causado pela perda inestimável de documentos, de trabalho intelectual e de pesquisa levou-me a refletir sobre o que sustenta, em termos de fato histórico e de documento histórico, a “descoberta” da América.

Os textos que remontam à descoberta passam por duas vias, a do documento oficial e a do documento ficcional. Ambos ocupam o mesmo espaço físico, estão inseridos nas mesmas páginas de papel manuscrito, muda somente a perspectiva de leitura que se possa ter sobre eles. Segundo Ivan Jablonka (2014, p. 152-153), não há propriamente uma distinção entre o texto histórico e o romance, visto que o método de escrita de um “texto-pesquisa” é, em si, uma ficção. A permeabilidade entre fato histórico narrado e romance sugerida por Jablonka não é exatamente uma novidade da modernidade. A produção literária medieval já tomava o texto narrativo como uma possibilidade da história o que legitimava a redação de textos híbridos com fatos e nomes históricos e ficcionais interagindo (ECO, 1989, p. 163). Este exercício de interpretar um documento tido como histórico sob uma perspectiva literária, ou seja, como prosa cavalheiresca é o oposto do que fiz em minha tese de doutorado, na qual discuti longamente as características medievais dos textos colombinos como marcas históricas do pensamento ainda vigente na Europa à época do descobrimento (TOSSIN, 2017, p. 27-52). Pode parecer inadequado tratar os documentos gerados a partir da descoberta como pertencendo ao período medieval. É mais corrente localizá-los no Iluminismo. No entanto, há uma vasta bibliografia que trata do recorrente medievalismo dos textos iniciais da colonização. É com base em Tzevtan Todorov (2003), Gustav Jahoda (1999) e Roger Bartra (2011) que assumo o medievalismo da produção literária existente no diário de Colombo. Embora existam informações a respeito de viagens à América que antecederam a de 1492², a narrativa da descoberta é a de Colombo.

Assim, posso entender os diários de Colombo, escritos durante as três primeiras viagens à América, e os relatos de seu filho ilegítimo Fernando, que continuou a empreitada do pai na América, como possíveis de serem

² Segundo João Meirelles Filho (2009, p. 23), em 1488, Jean Cousin teria navegado pela foz do Amazonas.

incluídos no gênero literário mais apreciado e lido na Idade Média europeia: a novela ou romance de cavalaria. Os diários de Colombo devem à tradição artúrica e ao ciclo da busca do Santo Graal sua estrutura, seu universo e seus valores, ou seja, um mundo de aventuras em um universo de maravilha. Em termos de estrutura, os livros de cavalaria em prosa constroem-se ao longo de uma série de narrativas sequenciais. A origem dessa tradição literária vem da tradição oral, portanto, ao ser escrita recebeu, de cada autor, uma novidade, um capítulo ou um livro, seguindo o mais clássico ditado: “quem conta um conto aumenta um ponto”. Embora a história original seja apenas uma, a narrativa se desdobra, geralmente, nas aventuras do filho do herói. Em geral, a história contada no primeiro livro era a saga de um cavaleiro, e no livro seguinte, editado com um intervalo de tempo considerável, era a narração das peripécias do filho do protagonista do primeiro livro, exatamente como nos relatos de Colombo e de Fernando. O tempo transcorrido entre a edição do primeiro e a do segundo livro marcava um tempo humano, o tempo de crescimento do filho, não o tempo de redação de outro romance. Era o jogo entre realidade e ficção funcionando na prática editorial.

A novela de cavalaria ibérica mais célebre é, sem dúvida, o clássico *Amadis de Gaula*, lido e traduzido para diversas línguas (alemão, francês, hebraico, italiano e holandês) e republicado até, pelo menos, meados do século XVII, configurando-se em enorme êxito editorial. Foram 19 edições, desde a primeira edição impressa conhecida, em 1508, e a quantidade de obras inspiradas nele foram inúmeras, desde as narrativas de aventuras de netos, bisnetos, familiares e companheiros de Amadis até os grandes textos de escritores renomados como Gil Vicente, com a *Tragicomédia de Amadis de Gaula*, e Cervantes, com *Dom Quixote de la Mancha*. Embora impresso no século XVI pela primeira vez, a história remonta ao século XIII na tradição oral. As marcas no imaginário peninsular e europeu deixadas por *Amadis* foram tamanhas e duraram séculos a ponto de Califórnia ter saído diretamente do livro V para nomear uma região na costa oeste da América do Norte (LOPES, 1480, p. 163-165). Nas embarcações que viajavam para o Novo Mundo, as inspeções de alfândega registravam os livros que encontravam a bordo e, entre livros religiosos estavam, em grande número, as novelas cavaleirescas, em especial, *Amadis de Gaula*. Sendo tão poulares, despertavam também a credulidade dos leitores, porque, afinal de contas, se estava impresso era verdade! (LEONARD, 1992, p. 25-26). As aventuras descritas nas novelas eram, de certa forma, a expectativa real que os marinheiros carregavam em seu íntimo. Viajar para o Novo Mundo era uma forma de fazer possível viver as aventuras de Amadis, de lutar como

um enlouquecido, destroçando os infiéis que aparecessem pela frente, de encontrar riquezas e casar com princesas.

No ciclo *amadisescos*, ou seja, no ciclo de narrativas inaugurado pelo clássico *Amadís de Gaula*, o herói exalava modos cortesões: falava bem, era gentil e galante, nobre e refinado e suas aventuras inspiravam atitudes de heroísmo individual e poder pessoal nas batalhas. No entanto, junto ao ciclo *amadisescos*, havia outro ciclo que integrava o *Siglo de Oro* das prosas cavaleirescas, conhecido como o ciclo dos *palmerines*, inaugurado pelo texto anônimo espanhol *Palmeirim de Oliva* em 1511. O ciclo dos *palmerines* foi uma reação ao modelo literário cultivado pelas novelas de cavalaria do ciclo *amadisescos* que, no século XVI, passava por um período de transição da imagem do cavaleiro andante, heroico e cortês. Além das mudanças na imagem do cavaleiro protagonista, procurava-se inserir nas narrativas cavaleirescas novas realidades históricas nas quais esperava-se do cavaleiro um comportamento “moderno”, contrastando com a imagem idealizada do cavaleiro cortês medieval, por isso trazia novos matizes para o perfil do cavaleiro. As novidades inseridas nas novelas do ciclo dos *palmerines* incluíam o mundo insular asiático e as peregrinações do cavaleiro errante se tornaram aventureiras viagens marítimas entre ilhas distantes. Também pregavam a semelhança entre a descrição das batalhas e uma batalha real, como ressaltava Juan Manuel Cacho Blecua ao refutar a importância destes detalhes:

Bem assim como outras mais cerca de nós, daquele assinalado duque Godofré de Bulhom no golpe de espada que na ponte de Antioquia deu e do turco armado que quase em dois pedaços fez, sendo já rei de Jerusalém. Bem se pode e deve crer ter havido Tróia, e ser cercada e destruída pelos gregos, e assim mesmo ter sido conquistada Jerusalém, com outros muitos lugares por este Duque e seus companheiros, mas semelhantes golpes como estes atribuímo-los mais aos escritores, como já disse, do que terem com efeito ocorrido verdadeiramente. (BLECUA, 1979, p. 234)

Dentro do conjunto de obras relativas ao ciclo dos *palmerines* escolhi o *Floriseo del Desierto* (1516) seguido de sua continuação *Reimundo de Grecia* (1524) ambos de autoria de Fernando Bernal. Javier Ceballos (2002, p. 205-223) avaliou a situação editorial do *Floriseo* em comparação a outros livros de cavalaria publicados à mesma época. Para Ceballos, os livros de Fernando Bernal, assim como outros tantos do ciclo dos *palmerines*, tiveram pouco êxito editorial. O que essas novelas de cavalaria tinham em comum, além do fracasso comercial, era a narração das aventuras do cavaleiro andante

sob parâmetros diferentes do modelo cultivado pelo ciclo *amadisisco*. O *Floriseo* traz, em sua narrativa, as novidades modernas: o assujeitamento do individualismo heroico em prol das batalhas em grupos organizados para o ataque; a submissão à monarquia, sempre louvando e dedicando esforços aos reis; as descrições de combates massivos com campanhas de aniquilação rápidas e fulminantes, em especial, as artimanhas bélicas, como as vitórias conseguidas com emboscadas, a ruptura de tréguas, espíões infiltrados nas hostes inimigas, destruição de bens materiais e humanos, buscam amparar-se na necessidade de se combater os infiéis com todos os meios possíveis. Uma vez introduzidas essas novas realidades históricas nos relatos cavaleirescos, a astúcia nas batalhas guerreadas demonstra o desajuste ético entre o cavaleiro tradicional, que lutava e vencía sozinho, usando apenas sua habilidade e força, e os feitos realizados pelo novo herói. No entanto, cabe ao autor, e neste caso, Fernando Bernal não se esquivar de fazê-lo, desfazer qualquer dúvida do leitor a respeito do reto comportamento de sua criação.

É nas aventuras e desventuras de Floriseo que me amparo para analisar os textos da descoberta. Busco, então, junto ao alegorismo universal proposto pela estética medieval (ECO, 1989, p. 89) ainda presente nos textos produzidos no início do século XVI, para a interpretação das narrativas cavaleirescas, o apoio necessário e suficiente para a leitura dos documentos da "descoberta" da América que aqui faço. Para que não pareça desmedida, fá-la-ei sempre em contraste com a literatura expressamente ficcional, como os romances de cavalaria, muito embora, para a estética medieval, a interpretação faça parte da narrativa histórica como fato, mesmo que hermenêutico, do ato de narrar.

Cabe-nos aqui perguntar em que medida o ato de narrar tem relação com a sedução. Inventar biografias ou até mesmo contar a própria vida, como sugere Jack Goody (2009, p. 64), faz parte da maioria dos galanteios. Sedutora e profundamente sexual, a narrativa de Colombo foi contada por Otelio aos ouvidos de Desdêmona (SHAKESPEARE, [1603] 1999, p. 35-36), quando a seduzia com suas histórias sobre terras estrangeiras pelas quais havia andado

(...) canibais, que se entrecodem
E de antropófagos, cujas cabeças
Lhes crescem entre os ombros; a escutar-me
Desdêmona tendia seriamente:
Os trabalhos da casa a afastavam,

Mas tão logo depressa os atendesse,
Ela voltava e com ouvido sôfrego,
Devorava o narrado. (SHAKESPEARE, 1999, p. 35-36)

Sigo então os intuitos de Otelo e, nesta tentativa singela de seduzir os leitores quanto aos meus argutos argumentos sobre a ficção real dos documentos da descoberta da América, dou início a esta narrativa que congrega, a meu ver, um tipo dos romances de cavalaria produzidos no século XVI: os diários de viagens marítimas.

Verdade, mentira e narração

Antes de tudo é preciso esmiuçar o ambiente editorial em que os Diários da Descoberta vieram à tona, pois há uma enorme divergência entre fatos, personalidades e editores. As relações dos diários de Colombo com outros livros que relatam viagens náuticas podem ser claramente percebidas quando lidos em profundidade, já que alguns destes vínculos estabelecem-se a partir de personagens semelhantes compartilhados em várias obras distintas. Por exemplo, os *canibais* que estão presentes no livro *Imago Mundi* de Pierre d'Ailly, escritor medieval que elaborou a cosmografia mais completa das terras desconhecidas, apoiado nas informações de Plínio, Homero, Plutão, Plutarco, Santo Isidoro de Sevilha, Roger Bacon, Marco Polo e Mandeville; no livro *Novus Mundus* atribuído a Américo Vespúcio; e nas descrições das viagens de Cabeza de Vaca e de Hans Staden. Todos esses livros traçam uma inegável relação com o diário de viagem de Marco Polo, que, embora tenha sido escrito três séculos antes, faz parte do arcabouço da tradição descritiva da alteridade. A distância temporal entre os dois livros não impede a aproximação gerada por uma rede complexa de ordem linguística, socio-cognitiva e interacional entre o texto e seus leitores (KOCH, 2004). O *Livro das Maravilhas*, de Marco Polo, era considerado uma grande referência narrativa, uma espécie de inconsciente coletivo que fornecia informações sobre as terras distantes, em especial, sobre as terras onde Colombo queria chegar.

As dúvidas a respeito da autenticidade do trabalho de Marco Polo são tão instigantes quanto as de Colombo. Marco Polo (1985, p. 35) ditou suas memórias de viagem a Rusticiano de Pisa, na prisão em que ambos se encontravam em Gênova, no ano de 1298, não relatou tudo o que viu, a

propósito, “algumas não viu, mas escutou-as de outros homens sinceros e verdadeiros”. Por isso, alertou aos leitores que deveriam acreditar em tudo o que leriam, pois se tratava da verdade contada por um cidadão de espírito justo e bom. Rusticiano lembrou ao leitor que Marco Polo, por conhecer tão bem o Grande Khan, a quem serviu como embaixador durante sua permanência no Oriente, e saber de seu gosto por novidades, não relatou apenas o resultado das missões que o rei confiara a ele, mas sim todo o tipo de coisas estranhas, novidades e curiosidades que, no decorrer de sua viagem, havia visto.

Os Diários de Colombo têm, em sua identificação, tarefas bastante difíceis. A existência de Colombo como navegador é, em si, controversa. No entanto, a tarefa mais difícil é a de delimitar claramente quais referências às edições dos diários são edições perdidas ou desconhecidas e, portanto, atuam como “fantasmas bibliográficos”. Se partirmos das referências atuais, teremos uma edição dos Diários de Colombo no século XVI, a qual devemos ao trabalho de compilação do frei Bartolomé de las Casas e que se encontra na Biblioteca Nacional de Madrid. O diário original se perdeu e possivelmente só retornou a público quase cinquenta anos depois do descobrimento da América, pelas mãos de Bartolomé de las Casas que, além de traduzi-lo do original em latim, também inseriu algumas anotações e inclusive julgamentos morais ao texto original. De qualquer forma, o próprio Bartolomé de las Casas advertiu em sua curta introdução (ver COLON, 1971, p. 31) que não se tratava da tradução do original, nem de uma cópia, mas de um resumo, uma seleção de trechos. A história da vida de Colombo não é uma novela menos complicada que a dos diários e desenrola-se como um enredo de novela com inúmeros episódios pitorescos narrados por seus vários biógrafos. Com as sucessivas reedições, traduções, estudos bibliográficos e literários, uma afloração de edições extraviadas e de autoria duvidosa surgiu, construindo conexões com outros livros e outros personagens que nem sempre entram no enredo na ordem cronológica esperada.

Uma das versões que a história imprecisa e tumultuada da vida de Colombo possui é a história de seu sogro, Bartolomeu Perestrelo, que participou da conquista de Ceuta, em 1415, e que por seus excelentes serviços à Coroa portuguesa recebeu a ilha de Porto Santo, a segunda maior ilha do arquipélago da Madeira. Na perspectiva de Alfred Crosby (2011, p. 86), em *Imperialismo ecológico*, a guerra contra os mouros e sua consequente expulsão do território português gerou um sistema de benesses reais que implicava a doação de feudos (terras) e títulos nobiliárquicos aos cavaleiros

que lutassem e vencessem a favor do rei. Com o prolongamento das Cruzadas, o sistema de benesses colapsou, já não havia feudos disponíveis para doação e o caminho encontrado pela casa Real portuguesa para cumprir com suas obrigações foi destinar, às fidalguias de segunda linha, terras nas ilhas próximas ao continente. Perestrelo, então, foi um dos primeiros portugueses a colonizar as novas terras de Portugal.

Ao tornar-se proprietário de um feudo, Perestrelo poderia tornar-se nobre, mas para fundar uma casa nobiliárquica na Europa medieval exigia-se, além da propriedade rural ou feudo, uma relíquia³ em posse da família, um brasão conferido pelo rei e uma linhagem sucessória, como explicou Alexandra Maria Pelúcia (2007, p. 117) em sua tese de doutorado. Perestrelo possuía como relíquia de sua recém-fundada casa nobiliárquica os mapas de navegação de Toscanelli⁴ que, mais tarde, foram entregues a Colombo pela viúva de Perestrelo. Mapas com os quais ele começou sua empreitada pelo financiamento da viagem à Índia. Como contou Marcos Faerman (1998, p. 23), com a morte de Perestrelo, a família perdeu a ilha de Porto Santo, e tanto a viúva quanto sua filha (com quem Colombo casou-se) foram viver em um convento. Dessa união, Colombo teve apenas um filho a quem chamou Diego. A família só conseguiu recuperar a ilha quando Fernando, filho ilegítimo de Colombo, após a morte do pai, escreveu sua biografia para recuperar-lhe a honra e moveu, com a ajuda da casa Real portuguesa, ações para reaver as terras do avô de seu meio-irmão, recuperando assim seu título nobiliárquico e a ilha de Porto Santo.

Nesta novela que acabo de contar, sucedem-se as aventuras (ou desventuras) de uma parentela: Perestrelo, o sogro; Colombo, o navegador; e Fernando, seu filho ilegítimo, que além de elaborar artimanhas políticas na corte para reaver a propriedade da família da esposa de seu pai, a mãe de seu meio-irmão, o que, portanto, não lhe dava o direito de pleitear por ela, também navegou ao Novo Mundo para dar continuidade aos negócios do pai. Lances dignos de uma novela cavaleiresca às avessas. Colombo enfrentou o mar Atlântico em vez do Mediterrâneo, visitou ilhas e lutou contra ferozes nativos, venceu e retornou para a Espanha, a dedicar sua empreitada aventureira à rainha cristã Isabela.

Segundo Javier Ceballos (2002, p. 205-223), os temas que definem os livros de cavalaria são: a) o marco geográfico eminentemente mediterrâneo e

³ Para compreender o papel das relíquias na sociedade medieval ver Bloch (1988).

⁴ Quanto à história, verdadeira ou não, sobre a morte de um marinheiro que deixou o misterioso mapa do Novo Mundo, ver Sale (1992, p. 229).

insular; b) a importância de incluir no relato a participação de personagens de baixo estrato social; c) o mundo das armas e combates com caráter "moderno"; d) aventuras sentimentais um tanto diferentes das do modelo cavaleiresco do clássico *Amadís de Gaula*; e e) um herói não tão ético e cortês quanto o do modelo anterior. Se para a novela de cavalaria, *Floriseo del Desierto*, de 1517, significa o período de transição das exigências de "modernização" das personagens e do enredo histórico, para as novelas de navegação, os Diários de Colombo estabelecem o mesmo limite. Colombo tem o perfil de um antiherói, ao contrário de Marco Polo que era um elegante embaixador, Colombo é torpe, cruel, desfaçadamente sem escrúpulos e, acima de tudo, falido e fracassado em sua missão dedicada à honra e à glória da rainha de Espanha.

Relatos, viagens e peregrinações

Para efeitos de análise e redação deste artigo, dividirei o diário da primeira viagem em três partes. A primeira delas é a viagem marítima da Europa até o Novo Mundo. A segunda é uma reprise do *Imago Mundi*, com lances do *Livro das Maravilhas*, e uma intensa busca pelos servidores do Khan naquelas terras. A terceira trata do encontro com os nativos e de suas impressões a respeito deles.

Ao início da primeira parte, o narrador, que não se trata de Colombo, visto que ele não se referiria a si mesmo como "o Almirante", recupera da história da batalha vitoriosa que desencadeou a expulsão dos mouros da Andalúcia, recentemente ocorrida, a glória, possível de ser alcançada somente pelos mais devotados cristãos, e clama a Deus que esta mesma glória o acompanhe em sua temerosa viagem. Ao mencionar os mouros, relembra Marco Polo, suas viagens e sua capacidade de trazer sempre boas novas, assim como se empenhará "o Almirante" a trazer de sua viagem ao Novo Mundo boas novas à sua rainha. E, em seguida, põe-se a descrever o festivo dia em que a esquadra formada por três navios zarpava do porto de Sevilha. A cidade em festa, toda decorada com as bandeiras da Coroa e os canhões a atirar em comemoração à vitória das batalhas da Reconquista. Em uma imagem de inspiração quixotesca, Colombo, à proa da velha nau e parcialmente recuperada após um ataque de piratas na costa africana, a Santa Maria, orgulhava-se de partir ao som das bombardas de canhão que não eram destinadas à sua partida, mas que, em sua perspectiva, soavam em sua honra e homenagem também.

A viagem transcorreu com muitos empecilhos causados em grande parte pela precariedade da nau, à qual Colombo não poupou desaforos nem impropérios destinados a Pinzón que pilotava uma bela nau, a Pinta. Uma peça quebrada obrigou Colombo (1998, p. 31) a atracar em Gomora, de onde assistiu ao grande incêndio que assolava a maior ilha do arquipélago das Canárias, Tenerife, onde ele havia planejado abastecer-se de água. Ao ver-se impedido de cumprir com seu itinerário, mal-disse as guerras de conquista que fervilhavam no arquipélago, exortando as maravilhas que encontraria no Novo Mundo. Em meio a levantes da tripulação, que se recusava a seguir viagem por medo de cair nas bordas do mundo, Colombo viu-se obrigado a negociar as mercadorias que levava a bordo para trocar nas Índias com seus próprios marujos. A cada insurreição, a negociação tornava-se mais cara e Colombo despendeu todo o lote de tecidos que levava consigo antes de chegar às praias do Novo Mundo. Problemas com as peças mal-restauradas da nau e tempestades aniquiladoras foram enfrentadas com promessas devotadas à Virgem que piedosamente levou a esquadra de Pinzón⁵ ao Novo Mundo.

A segunda parte inicia com a descrição da paisagem encontrada. A primeira ilha é identificada como sendo uma ilhota dos Lucaios ou Lequios⁶. Colombo (1998, p. 46) sabia que ali não era a Índia que, de fato, se tratava de alguma ilha localizada antes do continente, visto que anotou em seu diário de bordo que procuraria pelo Japão no dia seguinte. Afinal, Marco Polo (1985, p. 204) havia descrito um arquipélago e apontado a existência de mais de 7.000 ilhas desconhecidas a oeste da China. Essas ilhas estariam tão distantes de todo o mundo conhecido que sequer o Grande Khan enviara seus coletores para cobrar impostos, nem mesmo Marco Polo viajou entre elas. Mencionar a existência de uma ilha mítica já conduz nosso entendimento de que, para o leitor europeu, Colombo navegava pelos confins do mundo, um terreno pouco real e nada conhecido.

As ilhas entre as quais navegava Colombo apresentavam a presença de inúmeras árvores aromáticas com folhagem sempre verde, exuberantes, em alusão à árvore do bálsamo sagrado da Terra Santa. Árvores tão verdes

5 A viagem foi custeada pelos irmãos Pinzón, portanto a esquadra era dos Pinzón e não de Colombo.

6 Luis Weckman (1993, p. 37), em **La herencia medieval del Brasil**, acredita que Lucaios ou Lequios eram uma ilha mítica existente entre a Europa e a Ásia, muito recorrente nas narrativas de viagem dos navegadores portugueses. Fernão Mendez Pinto (1829 [1614], p. 252), no relato de sua viagem à China no ano de 1554, também mencionou a ilha de Lequios, onde naufragou, foi feito prisioneiro e posteriormente libertado, e deu-lhe a localização entre a China e o Japão.

em um local tão próximo ao fim do mundo, eram a alegoria mais clara do Paraíso Terrestre. Colombo (1998, p. 51) ainda comparou a beleza, o aroma e a brisa do Novo Mundo com o da Andaluzia no mês de maio. Colombo procurava incansavelmente pela ilha de Cipango, que era, no final das contas, a referência mais exata dada por Marco Polo a oeste, seguindo a rota seria possível chegar à Índia. Cipango assumiu diferentes nomes conforme passavam os dias. Em um primeiro momento, o Almirante entendeu que a ilha de Colba era a que ele tinha por Cipango, mas que Civaio era também Cipango. Nunca chegou à Cuba nem a Cipango, mas sempre interpelando por ouro, pérolas e pedras preciosas, e sempre entendendo que o ouro estava um pouco mais "pra lá", entendeu que a ilha onde havia abundância de todos os seus desejos era Bohío. Ali habitavam os homens com cara de cachorro, havia também os cíclopes, e outros homens chamados de canibais: "Toda a gente que encontrou até hoje diz que sente o maior medo dos 'caniba' ou 'canima' que vivem nessa ilha de Bohío. Não queriam falar, por receio de serem comidos, e não podia tirar-lhes o medo, pois diziam que só tinham um olho e cara de cachorro" (COLOMBO, 1998, p. 66). O Almirante recebeu informações de que havia muito cobre na ilha de Caribe, onde viviam os antropófagos, e na ilha de Martinino, onde vivam as amazonas.

As referências ao livro de Marco Polo estão sempre presentes, seja no bestiário apresentado seja nas circunstâncias descritas. O desempenho de Marco Polo no *Livro das Maravilhas* é narrado com elogios à inteligência e argúcia diplomática do viajante quando teve a inesperada atribuição requerida pelo próprio Khan de levar a princesa prometida até o reino onde se daria seu casamento. Marco Polo enfrentou um cerco, venceu ladrões e entregou a princesa íntegra e salva ao seu futuro esposo. Como diz o dito popular, a história sucede pela primeira vez como tragédia, pela segunda como farsa. Tragédia não é uma atribuição muito adequada às narrativas de Marco Polo, mas a farsa designa bem o que passou com a comitiva diplomática enviada por Colombo para entregar uma carta ao Khan. Colombo (1998, p. 57-58) organizou uma comitiva com três membros da tripulação, um jovem chamado Luis de Torres, judeu convertido que havia servido no Adiantado de Murcia, na Andaluzia, que dizia saber hebraico, caldeu e um pouco de árabe, e um marinheiro que havia estado na Guiné, o terceiro membro não foi descrito. A eles foi atribuída a tarefa de circundarem a ilha a pé e caso encontrassem alguma cidade ou porto, entregassem a carta do Almirante aos servidores do Khan para que tomasse ciência da presença de Colombo na ilha. Os rapazes foram e voltaram com a carta em mãos, pois não travaram contato com qualquer ser humano em sua caminhada, apenas encontraram

um pequeno acampamento de pesca recentemente abandonado. O cômico nessa passagem deve-se ao fato de que, embora tivessem se passado mais de 200 anos entre a viagem em que Marco Polo assumira funções diplomáticas para Kublai Khan e a viagem de Colombo ao Novo Mundo, ainda havia a expectativa de encontrar o Khan, mesmo que a dinastia que ocupava o poder fosse a Ming, não mais os mongóis. Assim, a leitura de Colombo como um herói desencantado com seu próprio tempo “moderniza” o episódio e nos proporciona também outro entendimento desta passagem: ao receber dos retornados a carta, Colombo dá a si o lugar de principal naquela ilha onde mais ninguém vive. Lá, *ele é o Khan*.

A terceira parte do diário é sobre o homem selvagem que existia e vivia no paraíso. O Paraíso terreno então se chamava Guanahani⁷. Colombo o havia encontrado e lá havia gente nua, uma surpresa! Retomando o diário de bordo, no retrato da primeira visão do gentio do Novo Mundo, lemos que “os cabelos não são crespos, mas lisos e grossos [...], e entre eles não há nenhum negro, a não ser da cor dos canários; nem se deve esperar outra coisa, pois esta terra está a lés-oeste da ilha do Ferro, na Canária, em linha reta” (COLOMBO, 1998, p. 45). A “cor dos canários” é uma referência à cor da população original das ilhas Canárias, os *guanchos*⁸, que eram da “cor de oliva (...) a cor dos camponeses queimados pelo sol”, como descritos por Fernando Colombo (1959, p. 60) na biografia de seu pai. A alusão à cor da pele no relato de ambos nos propõe que Colombo e Fernando, como homens de sua época, partilhavam a teoria de que em latitudes iguais, como indicado no texto, a terra estaria “a lés-oeste da ilha do Ferro, na Canária”, existiriam fauna e flora idênticas, incluídos na fauna os humanos. Tanta gente vivendo na zona tórrida contrariava a teoria de Aristóteles para quem a zona tórrida era inabitável. E não eram todos negros como os etíopes, mas alguns brancos como os europeus, embora queimados pelo sol que os tornava “da cor dos leões”.

Considerar a cor da pele dos ameríndios como branca é uma referência

7 Juan Ignacio de Armas (1882, p. 43) considerou que Guanahani, assim como Cuba e Bohío eram nomes arábicos.

8 Os *guanchos* foram, segundo Alfred Crosby (2011, p. 92-109), o primeiro povo a ser extinto pelo imperialismo moderno. Eram um povo marítimo e teriam chegado às Canárias vindos da África durante o Neolítico. Assim como acontece com todos os povos que permanecem isolados, a resistência epidemiológica decresceu e os *guanchos* se tornaram vítimas de doenças adquiridas pelo contato com os europeus que exterminaram grande parte da população. Outra parte pereceu lutando com paus e pedras contra os invasores armados de espadas e armas de fogo. Os sobreviventes foram traficados como escravos para abastecer o mercado europeu que carecia de camponeses.

à descendência de Jafet. Assim, os gentios do Novo Mundo, por não possuírem a pele negra, não eram filhos de Cam, portanto, não carregavam sua maldição. Colombo ressaltou a beleza dos corpos nus dos habitantes de Guanahaní e entendeu, por meio de gestos, que eram um povo que sofria ataques de seus vizinhos do continente. Certificou-se disso pelas cicatrizes visíveis e concluiu que eles se defendiam para não serem aprisionados e tornados escravos. Então, Colombo (1998, p. 45) apoderou-se de alguns deles e os levou para sua nau como cativos. De suas conversas com os gentios entendia que estavam em guerra com o Khan, a quem chamavam Cami, que havia muito ouro naquelas ilhas, que os navios do Khan vinham abastecer-se na ilha de Cuba, que não muito longe havia uma ilha onde os homens tinham “um olho só e outros com cara de cachorro, que eram antropófagos e que, quando capturavam alguém, degolavam, bebendo-lhe o sangue e decepando as partes pudendas” (COLOMBO, 1998, p. 59).

Em um dos portos em que atracou para colher mantimentos, Colombo (1998, p. 94-96) encontrou um grupo de “cabelos bem compridos, apertados e amarrados na nuca, e depois presos por uma redinha de penas de papagaio, [...] achou que deviam ser um dos caribes, que são antropófagos”. Colombo nomeou este local de porto das Flechas, onde, após o embate bélico, foi recebido pelo cacique com uma mesa coberta por folhas onde estavam sendo oferecidas frutas, cassabe, alguma carne de caça e bebida. Lá recebeu informações de que havia muito cobre na ilha de Caribe, onde viviam os antropófagos, e na ilha de Matinino, onde viviam as amazonas. Contaram também ao Almirante que, em certo período do ano, os homens da ilha Caribe visitavam as mulheres de Matinino e se dessas uniões nascessem meninos, eles eram criados em Caribe, se nascessem meninas eram criadas em Matinino. Marco Polo (1985, p. 241) já havia contado esta mesma história sobre as ilhas além do reino de Rosmochoram, onde havia duas ilhas a 30 milhas uma da outra. Os homens iriam à ilha das mulheres e lá viveriam com elas por três meses e as mulheres nunca iriam à ilha dos homens. Os filhos machos cresceriam com suas mães e depois seriam enviados a viver com seus pais, as meninas permaneceriam na ilha. Colombo decidiu seguir em direção à ilha Caribe, mas nunca chegou lá, antes aproveitou o vento e voltou à Espanha.

A nau Santa Maria, dadas suas precárias condições, encalhou. Sob a promessa de que Colombo voltaria para resgatá-los, 39 marinheiros ficaram em terra com a atribuição de construir uma paliçada fortificada com a madeira da nau encalhada, tarefa para a qual receberam ajuda de um grupo de índios que viviam próximos à praia, fundando a localidade

de La Navidad. Colombo deixou todo o necessário para povoar a ilha: mercadorias, mantimentos, armas e artilharia, alfaiate, carpinteiros, médico, soldado especialista em canhões (*lombardero*) e um especialista em impermeabilização de casco de navios (*calafate*). Os trabalhos seguiram bem até que a discórdia e a cobiça entre os cristãos deixados em *La Navidad* os separou, provocou brigas e assassinatos. Quando de seu retorno, em sua segunda viagem, Colombo encontrou a fortaleza queimada e todos os homens mortos (COLÓN, s.d., p. 132-133).

Argumento e análise

O desenvolvimento argumental do diário combina, em parte, a estrutura dos livros de aventuras medievais derivados da novela grega e do romance de tradição *amadisescas*, apresentando relatos em prosa de larga extensão com estrutura aberta, baseada no esquema de episódios sucessivos de aventura após aventura. Esta estrutura permitiu a apariação dos ciclos novelescos nos quais os filhos dão continuidade às aventuras iniciadas por seus pais.

Na primeira parte do diário, o personagem peregrina por uma geografia de perfil reconhecível, embora o Novo Mundo supostamente não tivesse ainda referências literárias, a descrição da aproximação à terra é bastante conhecida, pois Colombo aponta os pássaros e as plantas comumente avistadas pela tripulação em viagens marítimas por terras conhecidas. Os sinais eram claros e todos conhecidos pelos europeus. A perspectiva realista da geografia ajuda a construir um mundo verossímil onde transcorrerá a aventura vivida pelo herói. A inserção da realidade coetânea se projeta no relato ao mostrar-nos um Colombo que carece de recursos financeiros, a começar pela nau Santa Maria, avariada e sem condições de cumprir com todo o trajeto da viagem. Outro exemplo que ilustra até que ponto Colombo pertencia a uma sociedade marcada pelas relações econômicas e pragmáticas, ou seja, uma sociedade “moderna”, foi o motim da tripulação, em meio à viagem, exigindo garantias materiais para seguir adiante e Colombo se viu forçado a despendar praticamente toda a mercadoria que trazia para troca com sua própria tripulação.

Este é o mundo em que se desenvolvem as aventuras do protagonista e é através de abundantes detalhes realistas que o mundo circundante se infiltra na narração modernizando-a. Nessa osmose entre a realidade e a ficção, merece ressalva a participação de tipos sociais que não pertencem

à nobreza ou à monarquia. Este é um dos aspectos que mais distancia a prosa de ficção realista das narrativas cavaleirescas nas quais o protagonismo central é dos personagens da nobreza, não só porque as aventuras são capitalizadas por eles, mas porque o mundo e os acontecimentos que recriam lhes são próprios. No diário de Colombo, marinheiros e índios aparecem como personagens e a alguns deles é dada voz própria para expressar-se. É o que acontece com os marinheiros escolhidos para comporem a comitiva diplomática que tentou entregar a carta ao Khan e também com o índio que interveio a favor do grupo de Colombo (1998, p. 74, grifo meu, LT), quando os índios de uma aldeia fugiram de medo ao verem os homens de Colombo, bem armados, desembarcando na praia, “o índio que os cristãos levavam correu atrás deles, aos brados, pedindo que não tivessem medo, que os cristãos não eram *caraíbas*, antes, pelo contrário, vinham do céu”. Embora esses personagens secundários não tenham um estilo próprio que os identifique, sua presença aparece como um detalhe importante na superação da prosa de ficção exclusivamente centrada nos personagens nobres.

Colombo é a personagem que mais reflete essa modernização. Não era nobre e pouco se sabe sobre sua origem. Há os que creem que ele era galego e que escreveu seu diário em galego. Há os que creem em sua origem genovesa, porque seu castelhano era sofrível. O que sabemos sobre Colombo é o que seu diário nos conta. Gerar dúvidas a respeito da origem de Colombo baseadas nas marcas sociais presentes em sua escrita é uma das estratégias estilísticas requeridas pela modernização da prosa. Além disso, o bilinguismo português-castelhano prevaleceu em Portugal do século XV ao XVIII. Sendo o castelhano a língua da corte, portanto mais ascendia-se socialmente quanto melhor era o castelhano que se falava. Gil Vicente usou várias línguas simultaneamente em suas obras, como marca de uma criação estética própria, sua maneira de escrever e de compor personagens. Segundo Paul Teyssier (1959, p. 23-29), Gil Vicente utilizava vários registros para caracterizar as personagens: o traje e a língua faziam parte da elaboração literária reservada a certos tipos, assim, do espanhol, saiu o “saiaguês”, uma variante a partir da junção dos dialetos leoneses da região de Salamanca. Para o português, Gil Vicente criou uma “língua rústica”, composta por arcaísmos, e a pôs na boca de vilões, pastores e lavradores. Todas elas são criações literárias, mas também, cópias da realidade.

A realidade coetânea também encontra caminhos mais sutis de aparecer no relato como um mecanismo de captação da realidade que precisa, acima de tudo, da cumplicidade do leitor. Um exemplo é a inserção de acontecimentos históricos e personalidades da época ao relato, como no

caso da partida de Colombo do porto de Sevilha durante as comemorações da Reconquista. A presença de Pinzón pilotando a nau Pinta e de seu irmão mais novo ao leme do bergantim Niña faz também um jogo de realidades com figuras proeminentes da sociedade cortesã espanhola. Não apenas os financiadores da empreitada, mas o escrivão do diário de bordo de Pinzón era Pietro Martire d'Anghiera, reitor da universidade de Salamanca. Suas cartas, conhecidas pela compilação feita posteriormente sob o título de *De orbe novo*, conferem ao relato um sabor fabuloso no qual se mesclam história e fábula, por isso d'Anghiera compara as crenças indígenas com as da grécia e, ainda que não abertamente, vislumbra a unidade da origem dos mitos.

O livro de Pietro Martire d'Anghiera conhecido como as “Décadas” resume um clima de fantasia enganoso ao leitor que não sabe se está diante de uma descrição realista ou frente a uma fábula inventada pelo autor. Os dados constantes de sua obra são duplamente interessantes, primeiro porque são testemunhos dos protagonistas e, segundo porque coincidem com a informação oficial do momento. Las Casas assegura que ninguém retratou “o Almirante” tão bem quanto d'Anghiera, mas tanto Las Casas quanto Oviedo não dão a necessária credibilidade ao texto, pois consideram que não se trata de um testemunho direto do autor. Oviedo e Las Casas viveram no Novo Mundo e foi nestas terras que escreveram suas obras.

As “Décadas” deram origem a outras publicações e traduções: *Libretto de tutta la navigatione del Re de Spagna de le isole et terreni nuovamente trovati*, um folheto de 29 páginas impresso em Veneza, em 1504, cujo único exemplar se encontra na Biblioteca de San Marcos de Venecia. No *Libretto*, pode-se encontrar elementos das três primeiras viagens de Colombo, da viagem de Pero Alonso Niño e da viagem de Cristóbal Guerra. O *Libretto* foi traduzido por Trurgiano para o dialeto veneziano. Trurgiano era secretário do Embaixador de Veneza na Espanha, Domenico Pisani. Em Vicenza, o *Libretto* foi reimpresso como parte da obra *Paesi nouamente retrouati et nouo mondo*, de Américo Vespúcio, em 1507.

O protagonista foi inserido na obra junto a um ambiente bélico eminentemente coetâneo, onde existem índios canibais e animais exóticos. Essa imagem oferece ao leitor uma novidade mais adequada a um capitão que a um cavaleiro idealizado, comedido, galante, excelente guerreiro e bom conversador. Colombo se acomoda melhor em uma casta militar que elabora traições em favor da preservação e do aumento da fé cristã do que sob os traços que perfilam o viajante cortês. Ao contrário do que narra Marco Polo, Colombo opera mal como diplomata, mas participa de ações

bélicas violentas, com emboscadas e ataques surpresa assoladores. Como descrito na biografia de Colombo elaborada por seu filho Fernando, a tripulação, após uma breve caminhada pela manhã, encontrou um riacho de água fresca e decidiu aproveitar as pedras ali presentes para afiar suas espadas e fâças e passaram toda a manhã afiando-as. Pela tarde, para testar o fio de suas armas, decidiram atacar os infiéis acampados próximo ao rio, passando toda a população "a fio"; crianças, mulheres e idosos foram massacrados e esquartejados. Colombo se comoveu com o resultado da investida de seus homens ao acampamento dos índios, mas resguardou-se no fato de que é necessário estirpar os infiéis da terra. Esta cena descrita por Fernando Colón é um dos casos em que a imagem do cavaleiro idealizado e a ética dos seus atos parecem entrar em conflito. Como conflito moral, a descrição replica a observação de *Floriseo* quanto ao saque de Anxiana (fol. 52v), sentindo lástima pelo que viu, mas certo, em seu nobre coração, de que havia sido bem-sucedida sua primeira expedição aos infiéis, amparando-se na necessidade de combater com todos os meios possíveis o perigo apresentado pela presença deles. Evita-se qualquer dúvida ao comportamento reto e adequado dos heróis, tanto o de *Floriseo* quanto o de Colombo, quando se acometem de piedade seus corações.

Conclusões

A aspiração fundamental deste artigo resume-se a um propósito bem simples, postular de maneira coerente e divulgativa que os textos históricos do século XVI pertinentes à descoberta da América, embora considerados renascentistas, carregam ainda a hermenêutica medieval que permite a inserção de tópicos e temas ficcionais misturados a aspectos da realidade. O que ocorre, a meu ver, é um momento de transição entre a universalidade alegórica da estética medieval que permeava toda a produção textual da época para a descrição atualmente tratada como científica e histórica amplamente utilizada pelos naturalistas a partir do século XVIII.

Não é minha intenção minorar os aspectos que tratam do relacionamento com os índios, nem a política do genocídio implantada pela colônia. Ao tratar o texto fundador de Colombo como obra literária, apenas ressalto o carácter medieval implicado na produção dos textos que se multiplicaram a partir do relato de um marinheiro supostamente chamado Colombo, que teria zarpado de Sevilha no ano de 1492 em meio às comemorações da Reconquista.

Ao longo de minha exposição, orientei a análise do diário de Colombo de maneira a destacar os elementos que, a princípio, mais confrontam o modelo típico cavaleiresco dos protagonistas de peregrinações e viagens, em especial, do diário de viagens de Marco Polo, servindo-me das peculiaridades analisadas em *Floriseo del Desierto* para elaborar a possibilidade de que os Diários da Descoberta equivalem, em termos de gênero literário, ao *Floriseo*. São, em última análise, ambos textos limítrofes ante ao gênero do qual fazem parte e trazem, em si, o golpe final na produção literária cavaleiresca. Se o *Floriseo* permitiu o surgimento de *Don Quijote de la Mancha*, os Diários da Descoberta alimentaram o espírito naturalista de descrição científica.

Referências

- ANGHIERA, Pietro Martire d'. **De orbe novo decades**. Primeira década. Espanha, 1530.
- ARMAS, Juan Ignacio de. **Origenes del lenguaje criollo**. 2. ed. Habana: Imprenta de la Viuda de Soler, Rigla, n. 40, 1882.
- BARTRA, Roger. **El mito del salvaje**. México: Fondo de Cultura Económica, 2011.
- BLECUA, Juan Manuel de Cacho. **Amadís: heroísmo mítico cortesano**. Madrid: Cupsa Editorial, 1979.
- BLOCH, Marc. **Los reyes taumaturgos**. Tradução Marcos Lara. México: Fondo de Cultura Económica, 1988.
- BRUIT, Héctor Hernan. **Bartolomé de Las Casas e a simulação dos vencidos**. São Paulo: Unicamp; Iluminuras, 1995.
- CARPENTIER, Alejo. **El arpa y la sombra**. Edição de Raquel Arias Careaga. Madrid: Akal. (Coleção Básica de Bolsillo, 181), 2008.
- CEBALLOS, Javier Guijarro. **Edad de oro**. T. 21. Madrid: Departamento de Filología Española, Ediciones de la Universidad Autónoma de Madrid, p. 205-223, 2002.
- COLOMBO, Cristóvão. **Diários da descoberta da América**. As quatro viagens e o testamento. Tradução Milton Persson. Rio de Janeiro: L&M Pocket, 1998.
- COLOMBO, Fernando. **The life of the admiral Christopher Columbus by his son Ferdinand**. Tradução Benjamin Keen. New Brunswick: Rutgers University Press, 1959.

COLÓN, Cristóbal. **Diario de a bordo**. Alpignano: J. Arce y J. Gil Esteve, 1971.

COLÓN, Hernando. **Historia del Almirante**. Edição de Luis Arranz Márquez. Madrid: Dastin; Promo Libro, s.d. (Coleção Crônicas de América).

CROSBY, Alfred W. **Imperialismo ecológico**. A expansão biológica da Europa 900-1900. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CURTIUS, Ernest Robert. **Literatura europeia e Idade Média Latina**. Tradução Teodoro Cabral e Paulo Rónai. São Paulo: USP, 2013.

ECO, Humberto. **Arte e beleza na estética medieval**. Tradução Mario Sabino Filho. 2. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

FAERMAN, Marcos. Introdução. In: COLOMBO, Cristóvão. **Diários da descoberta da América**. As quarto viagens e o testamento. Tradução Milton Persson. Rio de Janeiro: L&M Pocket, p. 7-24, 1998.

GOODY, Jack. Da oralidade à escrita – Reflexões antropológicas sobre o ato de narrar. p. 35-68 In: MORETTI, Franco (Org.). **A cultura do romance**. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Cosacnaify, p. 35-68, 2009.

HUIZINGA, Johan. **O outono da Idade Média**. Estudo sobre as formas de vida e de pensamento dos séculos XIV e XV na França e nos países baixos. São Paulo: Cosac & Naify, 2013.

HULME, Peter. **Colonial encounters**. European and the native Caribbean 1492-1797. London/New York: Methuen, 1986.

JABLONKA, Ivan. **L'Histoire est une littérature contemporaine**. Manifeste pour les sciences sociales. Paris: Le Seuil (Librairie du xxi^e siècle), 2014.

JAHODA, Gustav. **Images of savages**. Ancients roots of modern prejudice in western culture. London; New York: Routledge, 1999.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à lingüística textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LAS CASAS, Frei Bartolomé. **O paraíso destruído**. A sangrenta história da conquista da América. Porto Alegre: L&PM Editores, 2001.

LEONARD, Irving Albert. **Books of the brave**: being an account of books and of men in the Spanish Conquest and settlement of the sixteenth-century New World. Berkeley; Los Angeles; Oxford: University of California Press, 1992.

LOPES, Graça Videira. **Amadis de Gaula**. Tradução a partir do original castelhano de Garcí Rodríguez de Montalvo. Medina del Campo, 1480.

MEIRELLES FILHO, João. **Grandes Expedições à Amazônia Brasileira. 1500-1930.** São Paulo: Metalivros, 2009.

OVIEDO, Fernandez de. **Historia General y Natural de las Indias.** Madrid: Atlas, 1959. V. I Tomo CXVII.

PELÚCIA, Alexandra Maria Pinheiro. **Martim Afonso de Souza e a sua linhagem:** a elite dirigente do Império Português nos reinados de Dom João III e Dom Sebastião. Tese (Doutorado em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2007.

PINTO, Fernão Mendez. **Peregrinação.** São Domingo de Lisboa: Pedro Crasbeeck, a custa de Belchior de Faria, cavaleiro da casa del Rey nosso Senhor e seu Livreiro, 1829 [1614].

POLO, Marco. **O livro das maravilhas.** A descrição do mundo. Tradução Elói Braga Jr. Porto Alegre: L&PM, 1985.

RUHSTALLER, Stefan. Bartolomé de Las Casas y su copia del “Diario de a bordo” de Colón. Tipología de las apostillas. Sevilla, **Cauce**, n. 14-15, p. 615-637, 1992.

SALE, Kirkpatrick. **A conquista do Paraíso.** Cristóvão Colombo e seu legado. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

SHAKESPEARE, William. **Otelo, o Mouro de Veneza.** Tradução Barbara Heliodora. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.

SIMÓN, Frei Pedro. **Noticias historiales de las conquistas de tierra firme en las indias occidentales.** Tomo V. Bogotá: Casa Editorial Medardo Rivas, 1892.

TEYSSIER, Paul. **La langue de Gil Vicente.** Paris: Klincksieck, 1959.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América.** A questão do outro. Tradução Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TOSSIN, Laísa. **Os espelhos do jaguar e o que seus olhos viram na outra margem do rio.** Repensando o discurso científico sobre as Línguas Indígenas. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Departamento de Linguística. Campinas: Unicamp, 2017.

VESPÚCIO, Américo. **Novo Mundo.** Cartas de viagens e descobertas. Porto Alegre: L&PM, 1984.

WECKMANN, Luis. **La herencia medieval del Brasil.** Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1993.

WOLF, Eric. **Europa y la gente sin historia**. Mexico: Fondo de Cultura Económica, (Sección de Obras de Historia), 2005.